

IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO DA GEOGRAFIA FÍSICA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS A SEREM PARTILHADOS

Francisco Romenique Pereira Pimentel¹

Paulo Henrique da Silva Alves²

Josélia Carvalho de Araújo³

RESUMO

O presente trabalho, intitulado “A importância da aula campo na Geografia Física para a formação docente: relatos de experiência a serem partilhados”, aborda a relação entre o exercício da parte prática na Geografia Física (aulas de campo) e sua influência na formação docente dos futuros professores de Geografia, destacando, por meio de uma análise crítica e transversal, assentada em uma perspectiva educacional, a relevância das aulas de campo enquanto ferramenta metodológica imprescindível à formação docente dentro da Geografia. Nesse viés, esse trabalho tem como objetivo geral compreender a interrelação existente entre as aulas de campo na Geografia Física e sua influência na formação docente. A justificativa para a elaboração deste resumo centra-se na inquietação, curiosidade e vontade de dois graduandos em Licenciatura em Geografia da UERN, em querer partilhar conhecimentos teóricos e práticos acerca da influência exercida pelas aulas de campo em suas formações, evidenciando suas vivências e experiências em campo. O texto está estruturado em duas seções: 1) o campo como mediador da relação entre teoria e prática na Geografia Física; e 2) importância da aula de campo da Geografia Física para a formação do professor de Geografia. A primeira seção visa a abordar a metodologia da aula de campo em geografia, em sua fundamentação teórica e sobre como proceder, discutindo de que forma as aulas de campo configuram-se como uma ferramenta metodológica, frisando sua intrínseca relação com a prática. A segunda destaca as contribuições que as aulas de campo exercem na formação docente na Geografia. Os resultados encontrados referem-se aos relatos e experiências dos autores do presente texto, que conseguiram relacionar a teoria com a prática, por exemplo, a partir da identificação dos variados tipos de rochas e geofomas presentes no campo, bem como diagnosticar suas dificuldades.

Palavras-chave: Formação docente, Geografia Física, Teoria e prática, Aulas de campo, Relatos de experiências.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, intitulada “importância da aula de campo da Geografia Física para a formação docente: relatos de experiências a serem partilhados” versa sobre a relação entre o exercício da parte prática na Geografia Física, em especial, aulas de campo, e sua influência na

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, romeniquepimentel@alu.uern.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, silvaalves@alu.uern.br;

³ Doutora em Geografia e professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, joseliacarvalho@uern.br.

formação docente de futuros professores de Geografia, destacando, por meio de uma análise crítica e transversal, assentada em uma perspectiva educacional, a relevância das aulas de campo enquanto ferramenta metodológica imprescindível à formação docente dentro da Geografia, em especial o campo físico, que em sua essência tem um caráter bastante prático.

Para se ter noção da importância dessas aulas de campo da Geografia Física para a formação do professor de Geografia, esse trabalho tem como objeto de estudo, para além das referências bibliográficas, relatos de experiências de dois graduandos em Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que por meio da construção e exposição desse texto, articulam e debatem os principais benefícios educativos que as aulas de campo do componente de Geologia Geral trouxeram para as suas formações acadêmicas, principalmente docente. Acerca desses “benefícios”, destacamos que estes englobam tanto os “acertos” quanto “falhas” identificados pelos autores em campo no que diz respeito à compreensão dos conteúdos abordados em sala – fato ímpar para esse processo de ensino-aprendizagem, que envolve a complexidade da formação de professores.

Nesse sentido, as aulas de campo que tiveram como destino a Via Costeira (RN), Açude Gargalheiras (RN), Pico do Cabugi (RN) e o Rio Salgado (RN), que aconteceram no segundo semestre de 2022, tinham como abordagem e objetivo principal de realizar análises em campo de estruturas geológicas, tipos de rochas, processos geofísicos e geodiversidade, trouxeram inquietações e questionamentos para os autores do texto. Sobre essas indagações, destaca-se uma principal, que norteia a elaboração de nosso texto, e intitulamos aqui de problemática: qual a importância e influência que as aulas de campo da Geografia Física exercem na formação docente de futuros professores de Geografia?

Alinhado a essa indagação central ou problemática, delineamos os objetivos que pretendemos alcançar com a realização desse manuscrito. Assim sendo, esse trabalho tem como objetivo geral compreender a interrelação existente entre as aulas de campo na Geografia Física e sua influência na formação docente. Os objetivos específicos, por sua vez são: 1) discutir os principais conceitos e abordagens acerca das aulas de campo da Geografia Física a partir de uma visão metodológica; 2) relacionar as aulas de campo da Geografia com o contexto da formação docente de futuros professores de Geografia.

Dessa forma, a justificativa para a elaboração desse texto centra-se na inquietação, curiosidade e vontade de dois graduandos em Licenciatura em Geografia da UERN, em querer partilhar conhecimentos teóricos e práticos acerca da influência exercida pelas aulas de campo em suas formações, evidenciando suas vivências e experiências em campo, sustentando-se na concepção de que, por meio da publicação desse trabalho, o público de modo geral, em especial

graduandos de Licenciatura em Geografia, podem refletir sobre sua prática e formação docente a partir da influência que as aulas de campo de Geografia Física podem exercer sobre ela. Assim sendo, esperamos que esse trabalho contribua para a formação acadêmica e social dos seus leitores, e que instigue estes para a produção de novos textos que abordem a aula de campo da Geografia Física e sua influência na formação de professores de Geografia.

METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos para o desenvolvimento da presente pesquisa se dividiu em 3 etapas principais: 1) construção do referencial teórico; 2) coleta de dados e; 3) análise dos resultados. Na primeira, realizamos leituras de recursos bibliográficos que abordassem nossa temática, como: “aulas de campo”, “recursos didáticas”, “formação docente na Geografia”. Na segunda, diz respeito às visitas aos recortes espaciais da pesquisa (Açude Gargalheiras, Via Costeira, Pico do Cabuji, Rio Salgado), onde pudemos entender o contexto geofísico de cada local e tirar fotos, que foram posteriormente usadas no trabalho. A última etapa compreende o momento em que analisamos os resultados obtidos e fizemos considerações sobre eles, sobre como as aulas de campo são recursos didáticos essenciais para a formação docente de futuros professores de Geografia.

O tipo de pesquisa utilizada é bibliográfica e de campo, haja vista o uso de materiais bibliográficos e as visitas aos recortes espaciais da pesquisa. A abordagem, por sua vez, é exploratória, tendo em mente que não se limitamos somente às ideias trazidas pelas bibliografias, mas também buscamos uma maior familiaridade como nosso campo de estudo. Já a sua caracterização é qualitativa, pois os resultados foram obtidos por intermédio de métodos qualitativos e não numéricos. Assim, os materiais utilizados para a construção da pesquisa foram: *smartphone*, *notebook*, fotografias, artigos e livros.

AULAS DE CAMPO DA GEOGRAFIA FÍSICA: FERRAMENTA METODOLÓGICA

A Geografia, ciência humana que tem como objeto de estudo o espaço geográfico – conceito basilar que em linhas gerais demarcam a interação e a relação entre os seres humanos e a natureza (SILVA; SILVA, 2012), contempla em sua base filosófica uma rica diversidade de conteúdos e abordagens. A sua divisão, em níveis didáticos (Geografia Humana e Geografia Física) reverbera tal afirmação. Por exemplo, seu contato direto e indireto entre conteúdos de dimensões humanas (urbanização, migrações, agricultura) e físicas (erosões, rochas, relevos),

que lhe configuram uma forte interdisciplinaridade e permitem essa ciência ter uma visão articulada do espaço geográfico.

Desde sua constituição enquanto ciência no século XIX, a Geografia enfrentou variadas redefinições e mudanças de ordem conceitual e metodológica, principalmente, no que tange às suas abordagens, objetivos, conceitos. No campo acadêmico, a Geografia em sua dimensão escolar, passou também por transformações, em destaque, aos seus métodos de ensino. Acerca disso, Gouveia e Ugeda Júnior (2021) ressaltam que, de início, a Geografia nos espaços escolares brasileiros, tinha como base os métodos tradicionais, focados na memorização de conteúdos como: decorar nomes de capitais, estados, países, sem relação com o contexto em que o aluno estava inserido. Essa lógica foi desconstruída a partir da chegada da Geografia Crítica, que não se preocupa em decorar conteúdos, mas sim, que o aluno consiga ter discernimento do contexto de cada conteúdo. Para Santos (2011), a Geografia Crítica, quando aplicada no contexto escolar defende que “[...] os sujeitos envolvidos no processo de educação percebem-se como ativos, participativos e críticos da sua realidade e do mundo em que habita” (SANTOS, 2011, p. 9).

No seio das discussões acerca da Geografia escolar, quer seja ela orientada pelo viés tradicional, quer seja pelo crítico, as metodologias de ensino empregadas em função de determinado conteúdo da Geografia incitam diversos debates, que giram em torno, principalmente, dos objetivos, de cada metodologia e dos resultados que elas trazem para o processo de ensino-aprendizagem na Geografia. Adentrando-se no campo de estudo desse trabalho, Geografia Física, área que busca ter uma perspectiva espacial dos elementos geofísicos que compõem o sistema ambiental e as relações que eles estabelecem entre si e com os seres humanos (SOUZA; OLIVEIRA, 2017), percebe-se que, por esse campo geográfico ter uma maior proximidade com as ciências naturais, exatas e da terra, tende a apresentar consideráveis desafios no que diz respeito à compreensão de seus conteúdos, tanto por professores quanto por alunos, necessitando de metodologias que auxiliem nesse processo.

Conceituada, de modo geral, como sendo os meios ou caminhos que o docente utiliza para abordar os conteúdos de sua aula (ALTRÃO; NEZ, 2016), as metodologias de ensino, por sua vez, ancoram-se no uso de ferramentas metodológicas que dizem respeito aos instrumentos utilizados pelos professores para a execução de suas aulas. Na Geografia Física, o uso de ferramentas metodológicas é diverso, e geralmente, essas metodologias são empregadas com vistas a facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos nesse campo da Geografia, que como mencionado anteriormente, tende em certos momentos ser desafiador, em razão da complexidade de alguns conteúdos da Geografia Física.

A título de exemplificação, as maquetes, por sua vez, configuram-se como uma significativa ferramenta metodológica para a abordagem dos variados conteúdos da Geografia Física. De acordo com Sousa, Cordeiro Junior e Albuquerque (2019), a produção de maquetes, no contexto da Geografia Física, destacam a participação ativa do aluno no seu processo de ensino-aprendizagem, ao passo que o aluno por meio da compreensão de conteúdos de Geografia Física, por exemplo, hidrografia, relevo, vulcanismo, consegue representar espacial e visualmente os fenômenos geofísicos. As maquetes podem ter formas, cores, tamanhos, temáticas diferentes, haja vista que vão de acordo com o conteúdo trabalhado e a percepção dos alunos frente a esses conteúdos. Configuram-se como representações das formas de relevos, pelas quais os alunos desenham as formas e altitudes das planícies, planaltos e montanhas. Como também a construção de representações de vulcões, pelas quais os alunos representam toda a estrutura vulcânica e suas atividades, por exemplo, a erupção vulcânica por meio de tintas.

De maneira geral, concordamos com Sousa, Cordeiro Junior e Albuquerque (2019), ao afirmarem que a produção de maquetes estimula a autonomia e raciocínio crítico, ao passo que como já destacado, a elaboração desse material didático parte exatamente da percepção dos alunos frente a determinado conteúdo. Sendo assim, as maquetes deslocam os alunos de uma zona de passividade, em que eles estariam preocupados somente com a aquisição e memorização dos assuntos. Entretanto, é cabível destacar que as maquetes, embora relacionem teoria e prática, tratam-se de uma representação. Ou seja, não necessariamente os fenômenos geofísicos representados são daquela forma ou acontecem assim na realidade.

É nesse contexto, que buscamos delimitar nosso tema central “aulas de campo” enquanto ferramenta metodológica para o ensino da Geografia Física, sabendo que as aulas de campo caracterizam-se pelo seu exercício fora das salas de aula. É notório que quando se trata da abordagem de conteúdos da Geografia Física, as aulas de campo, diferente das maquetes, estabelecem uma maior relação entre teoria e prática. Isso decorre, principalmente, pelo de fato de a aula de campo proporcionar o contato direto com o mundo real. Em outras palavras, com os fenômenos e componentes geofísicos, que não mais estão sendo “representados”, e sim, observados na prática. Em reforço a essa afirmação, Sousa, Cordeiro, Junior e Albuquerque (2019, p. 88) ressaltam:

O trabalho de campo possui como principal objetivo instigar os alunos a pensarem na prática tudo o que já foi discutido em sala de aula. Além disso, esse modelo didático surge como uma proposta de analisar e observar tudo que aprenderam em teoria, dentro e fora da sala de aula. Portanto, esta é uma ferramenta geográfica que possibilita uma maior qualidade no ensino de Geografia, sobretudo, no que diz respeito à Geografia Física.

Exemplificando o pensamento de Sousa, Cordeiro, Junior e Albuquerque (2019) acerca da relação entre teoria e prática, destaca-se a abordagem de conteúdos em sala de aula sobre tipos de clima e relevos. Em teoria, os alunos aprendem os conceitos, características e tipologias dos climas e relevo. Por outro lado, o campo amplia a visão do discente, que por sua vez, consegue ver, na realidade, como se configura cada clima e cada tipo de relevo, de maneira espacializadas. No campo, é possível perceber as diferentes sensações térmicas de cada clima e ter dimensão das altitudes dos relevos – visto antes, por meio de fotos e simulações, por exemplo. Outrossim, as aulas de campo por meio do contato direto com a realidade também proporcionam que os discentes consigam ter uma dimensão não estática dos fenômenos geofísicos, ao passo que ao oposto dos livros, e por vezes, das maquetes, no campo, os alunos compreendem a dinâmica em tempo real dos elementos da natureza, principalmente, em suas mudanças e variações.

Ademais, Cordeiro e Oliveira (2011) complementam que as aulas de campo na Geografia Física, além do exposto, possibilitam que os alunos consigam relacionar teoria e prática, também, por meio do exercício da diferenciação. Isto é, que assim como consigam notar semelhanças entre o livro didático e a prática, percebam que a realidade dos fenômenos abordados vai além do que está abordado em teoria, e que muitas abordagens dos livros não são fiéis à realidade, e que tratam apenas de representações, apesar de não expressar a realidade tal qual ela é, auxiliam no processo de ensino-aprendizagem. Esse exercício de relação entre teoria e prática abordado tanto por Cordeiro e Oliveira (2011) quanto por Sousa, Cordeiro, Junior e Albuquerque (2019) enseja o raciocínio crítico e autonomia dos discentes, principalmente, pelo fato de eles poderem ter discernimento das suas dificuldades e facilidades frente ao assunto discutido em sala e como os fenômenos geofísicos não estão presos ao campo teórico, e sim que fazem do seu cotidiano.

Destarte, após refletir sobre as relações entre teoria e prática, Sousa, Cordeiro Junior e Albuquerque (2019) finalizam essa discussão sobre aulas de campo na Geografia Física, delineando a parte organizacional dessa ferramenta metodológica, abarcando principalmente seu planejamento e objetivos. Acerca disso, tais autores destacam:

Este método possibilita aos alunos atuarem empiricamente, pois a observação é um dos fatores essenciais para o entendimento do espaço geográfico. Para que o trabalho de campo tenha eficácia, é necessário que o conteúdo tenha sido discutido antes em sala de aula, bem como é necessário ter um planejamento para o pré-campo, campo e pós-campo, considerando os objetivos de ensino, a natureza do conteúdo, o nível dos alunos e a natureza da aprendizagem (SOUSA; CORDEIRO JUNIOR; ALBUQUERQUE, 2019, p. 88)

Assentando-se na afirmação de Sousa, Cordeiro Junior e Albuquerque (2019), é viável frisar que, de fato, para que determinada aula de campo tenha bons resultados, essa precisa estar devidamente planejada. Sobre isso, esse planejamento abarca diversos fatores, por exemplo, estudo prévio do local (condições de segurança e potencialidades do ambiente para a abordagem de tal conteúdo), duração de aula, materiais necessários para a sua realização, objetivos de sua execução e, principalmente, que a teoria e a prática estejam bem articuladas. Em relação à segurança, é importante que o local seja um espaço de aquisição e de troca de conhecimentos, e que não ofereça riscos aos estudantes e/ou aos docentes. As potencialidades educativas do ambiente envolvem, primordialmente, o domínio do professor em saber selecionar os locais que de fato tenham conteúdos geofísicos que possam estabelecer a relação teoria e prática, isto é, que tenham relações com o conteúdo abordado em sala.

O tempo de duração, por sua vez, destina-se principalmente ao tempo necessário para a realização das atividades planejadas em campo. Já os materiais, compreende a diversidade de ferramentas utilizados durante o campo, por exemplo, enxada para perfurar os perfis dos solos. No que concerne aos objetivos, eles vão de acordo tanto com as habilidades que o professor espera que os alunos desenvolvam com o a aula de campo, como a capacidade de identificar e interpretar determinado fenômeno geofísico na prática, e também que estabeleçam as devidas relações entre teoria e prática.

Para que o discente consiga estabelecer tais relações, é imprescindível que o assunto abordado em campo tenha sido debatido em teoria. Caso isso não ocorra, a aula de campo tende a trazer mais malefícios do que benefícios para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente, pelo fato de sem a teoria bem consolidada, a compreensão dos elementos geofísicos vistos em campo passa a ser vaga e desarticulada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do percurso da disciplina de Geologia Geral, cursada pelos autores no primeiro período da graduação em Licenciatura em Geografia, no segundo semestre de 2022, foram realizadas duas aulas de campo pelo Rio Grande do Norte, que tinham como principal objetivo relacionar a teoria apreendida em sala com a prática, por meio da compreensão em campo da diversidade geológica do território potiguar, principalmente, no que tange às suas estruturas geológicas e tipos de rochas. Na primeira viagem, os locais selecionados foram a Via Costeira e o Açude Gargalheiras. A segunda, compreendeu o Pico do Cabugi e o Rio Salgado. Em

relação aos conteúdos abordados em teoria acerca da primeira viagem, temos: geodiversidade, tipos de rochas e seus respectivos processos de formação e características, estruturas geológicas, classificação do intemperismo, processos geofísicos de expansão e contração da camada rochosa. A segunda viagem, por sua vez, também seguiu a lógica da primeira, mudando apenas o local de análise e focando, principalmente, na espacialização das estruturas geológicas e tipos de rochas.

No que concerne ao conceito de geodiversidade, a sua teoria em sala de aula foi desenvolvida em torno da sua definição dentro do contexto da Geologia, centrando-se no fato de que a geodiversidade nos ajuda a compreender as diferentes paisagens encontradas ao longo do globo terrestre, que de acordo com sua base científica, decorre exatamente da variedade de elementos geofísicos dispostos no ambiente e suas múltiplas interações geosistêmicas.

Observando as paisagens encontradas na Via Costeira e o Açude Gargalheiras, foi possível identificar espacialmente, isto é, compreender como se dava a geodiversidade na prática. Isso decorre em razão do contato direto com a realidade, na qual a geodiversidade era vista de maneira materializada, em tempo real, e não através de simulações ou fotos. Essa relação teoria e prática nos permitiu estabelecer comparações entre os elementos geofísicos e processos, tanto da Via Costeira quanto do Gargalheiras, compreendendo que as diferentes paisagens de ambos os locais eram resultados dos distintos elementos geofísicos que atuavam em cada um desses locais.

Após uma análise mais geral da paisagem, centralizamos a abordagem em campo para os elementos específicos tanto da Via Costeira quanto do Gargalheiras, como: rochas, estruturas geológicas e tipos de intemperismo. Durante a apreensão da dimensão teórica, foram debatidos como se formavam os tipos de rochas e de que maneira tal formação concebia diferentes características para as rochas. Além também de termos refletidos sobre as estruturas geológicas que cada uma dessas rochas tinham em sua composição, bem como os tipos de desgastes que ambas sofriam de acordo com o ambiente em que estavam inseridas, por exemplo, intemperismo físico, químico e biológico.

Na Via Costeira, observamos tipos de rochas distintas do Açude Gargalheiras, principalmente, por conta de ambos os locais estarem inseridos em contextos geofísicos distintos, por exemplo, a Via Costeira trata-se de uma área litorânea; e o Gargalheiras no semiárido.

A Via Costeira, inserida em uma área plana e com rochas sedimentares, foi perceptível em campo que essas rochas ocorrem devido a ser um local baixo, que predomina o processo de sedimentação – processo esse que dá origem a bacias sedimentares, que compõem o local em

questão. Devido estar em um clima tropical atlântico, que tem como característica altas precipitações, identificamos um desgaste químico das rochas, em razão que estas não fragmentadas, mas sim decompostas.

O Açude Gargalheiras, por outro lado, apresentou um cenário geofísico divergente da Via Costeira. Contemplado por uma área planáltica, com altas altitudes, bastante íngreme e inserido no polígono das secas (escassez de chuvas), foi notório durante a visita, rochas graníticas (magmáticas) que ao oposto das sedimentares, são formadas pela consolidação do magma e não pela deposição. Tais rochas, do ponto de vista geológico, fazem parte dos escudos cristalinos que são estruturas geológicas que apresentam uma alta resistência e bem compactada (baixa porosidade) – fator que junto com o quadro hidrográfico local levou a construção do açude. Além disso, em campo, pudemos ter dimensão que o clima semiárido desse local possibilita que elas sofressem o processo do intemperismo físico. Ou seja, aqui, por meio da variação de temperatura entre o dia e a noite, ocorre o fenômeno da dilatação (dia) e contração (noite), fragmentando-as. Assim como também a cor das rochas desses locais (escuras) aumenta a temperatura.

Na segunda viagem, que teve como destino o Pico do Cabugi e o Rio Salgado, trouxe-nos novas dimensões da Geologia. Nas aulas teóricas, que antecederam essa segunda de viagem, foram pautados discussões sobre formação de rochas ígneas, derrames vulcânicos e encontro de rochas de origens diferentes. O encontro com o Pico do Cabugi nos permitiu ver de maneira materializada a formação de uma formação geológica formada a partir de um derrame vulcânico, antes visto somente em imagens, vídeos e maquetes. Além também ter dimensão do quão íngreme é essa formação e sua altitude – fatos que não seriam possíveis sem a prática. A visita ao Rio Salgado também seguiu essa lógica, ao passo que conseguimos ver o encontro de duas rochas distintas em contato com o ambiente, permitindo o seu manuseio – noção de cor, estrutura, granulometria, temperatura.

Adentrando-se nos benefícios que ambas aulas de campo trouxeram para formação docente dos autores do texto, especificamente, no campo da Geografia Física, destacamos a noção da importância dessa ferramenta metodológica para a relação entre teoria e prática – imprescindível à formação de professores de Geografia. Isso decorre, principalmente, pelo fato de por meio dessas aulas de campo, que pudemos estar em contato com os fenômenos geofísicos na prática. Notamos que as visitas a esses locais formentou o nosso nível de compreensão acerca dos assuntos debatidos em sala. Isto é, ter contato somente com a teoria, nos permitiu entender o que os docentes queriam ensinar, no entanto, percebemos que nosso olhar crítico está bastante limitado ao campo teórico, pois percebemos que não conseguíamos ter uma visão

especializadas dos fenômenos geofísicos, ou seja, notá-los na realidade. O campo, por sua vez, ampliou tal visão.

O desenvolvimento de tal habilidade de interpretação e compreensão dos fenômenos geofísicos, por exemplo, identificar tipos de rochas, suas características e principais processos, é de extrema importância para a formação de professores de Geografia. Pois, assim como os químicos precisam não só entender a teoria sobre as substâncias, como também aprender a realizar experimentos, o docente de geografia quer seja em formação ou não, necessita ter um olhar para além dos livros. Ou seja, enxergar esses fenômenos no espaço, especialmente, de uma forma integradora, considerando que os fenômenos geofísicos estão direta ou indiretamente interligados e que atuam tanto na organização quanto na transformação espacial.

Acerca disso, destacamos que o desenvolvimento de tal habilidade, só foi possível devido a outra habilidade: a capacidade de diagnóstico. Ou seja, ao longo das aulas de campo, os autores sentiram algumas dificuldades, por exemplo, diferenciar os tipos de rochas e os tipos de intemperismo. No entanto, tal empecilho foi solucionado em campo a partir da ajuda do professor. Esse momento de diagnosticar os principais acertos e erros, foi de extrema importância para a nossa trajetória, principalmente, pelo professor de Geografia, primordialmente quando se fala da parte física, precisa ter a capacidade de analisar os elementos básicos de uma rocha, entendendo as características de cada tipo, tendo em vista que quando exercer sua função, é interessante que o professor de Geografia consiga auxiliar os alunos nessa identificação que é de extrema importância para o aprendizado em assuntos da Geografia Física, que requer uma forte relação entre teoria e prática.

Outro ponto interessante notado ao longo do campo foi a importância da socialização de conhecimentos. A ajuda mútua entre os graduandos permitiu uma melhor compreensão do assunto, pois a dificuldade de um era a facilidade do outro, e por meio da junção facilitou o processo de compreensão dos fenômenos geofísicos. Essa socialização nos mostrou que embora a formação docente tenha um viés individual, isto é, o graduando é responsável pela sua formação, este percurso acadêmico não pode prescindir da socialização – elemento que inclusive o professor de Geografia deve estimular em seus alunos, principalmente, em assuntos que requer uma maior compreensão, como é o caso da Geografia Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências proporcionadas pelas aulas de campos nos trouxe duas questões centrais, que acreditamos que impactou positivamente nossa formação enquanto futuros professores de

Geografia: autonomia interpretativa e escolha de metodologias para o processo de ensino-aprendizagem. No que se refere à autonomia, esta tem relação direta com o fato de termos desenvolvido a habilidade de interpretar os fenômenos geofísicos espacialmente em outros locais, além dos recortes visitados na pesquisa, sem ter algum docente para auxiliar – fato interessante, pois quando professores poderemos estimular isso nos alunos. Por fim, em relação à escolha das metodologias, acreditamos também que essas aulas de aula nos fez refletir sobre as metodologias que devemos utilizar para ensinar a Geografia Física, e que sempre que pudermos priorizar o campo como uma metodologia capaz de colocar o aluno frente a realidade que está inserido.

REFERÊNCIAS

SILVA, Maria do Socorro Ferreira da; SILVA, Edimilson Gomes da. O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão–SE**, 2012.

DA SILVA GOUVEIA, Patricia; UGEDA JÚNIOR, José Carlos. O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL E OS MÉTODOS TRADICIONAL E HISTÓRICO CULTURAL. **Formação (Online)**, v. 28, n. 53, 2021.

SANTOS, Ricardo Menezes. A GEOGRAFIA CRÍTICA EM SALA DE AULA: REFLEXÕES A PARTIR DO ENSINO DA QUESTÃO AGRÁRIA BRASILEIRA. **V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão – SE**, 2011.

SOUZA, Sírius Oliveira; OLIVEIRA, Regina Célia de. Considerações sobre a geografia física: conceitos, métodos e aplicações. **Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento**, v. 1, p. 3483-3494, 2017.

ALTRÃO, Francielle; NEZ Egeslaine de. METODOLOGIA DE ENSINO: um re-pensar do processo de ensino e aprendizagem. **Revista Panorâmica online**, v. 20, 2016.

SOUSA, Marcos Gomes de; CORDEIRO JUNIOR, Iran de Oliveira; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva. **Aulas de Geografia Física e metodologias aplicáveis ao ambiente escolar**. 2019.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 2, p. 99-114, 2011.